

81'27
5586 m
Ex 1
C92569564

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O MITO DO ERRO DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

PONTES E LACERDA, DEZEMBRO DE 2002

BIB CA

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT

RG Nº 9485

Data 14, 08, 03

WALDIRENE PEREIRA DA SILVA

O MITO DO ERRO DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

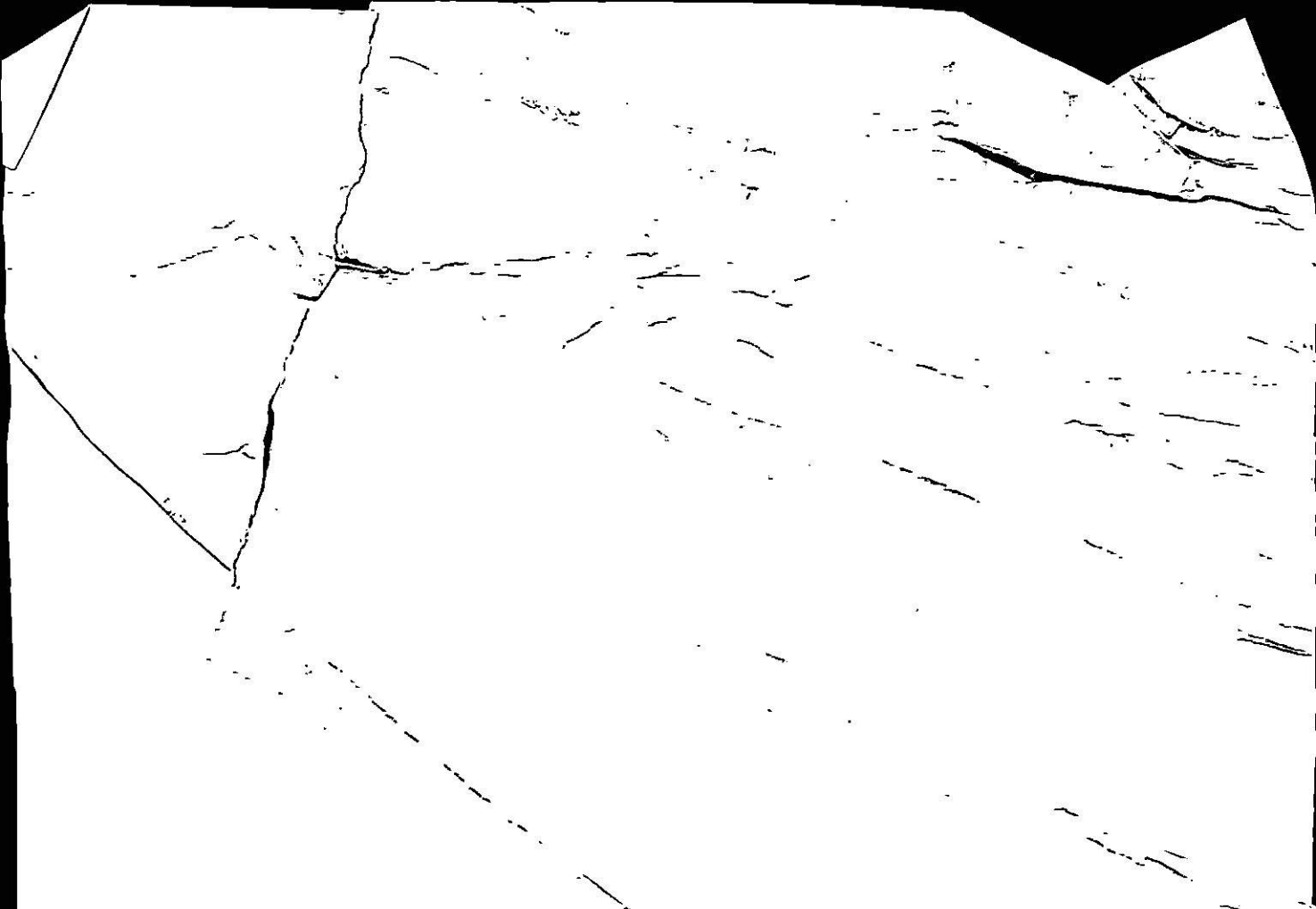
Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de
Pontes e Lacerda como requisito final
para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Letras

Orientador: Profº Ricardo Marques
Macedo

PONTES E LACERDA, DEZEMBRO DE 2002

Agradeço aos meus educadores e em
especial ao meu grupo de estudos.

Dedico especialmente aos meus pais:
Edmon, Cleuza e Maria.



Os dicionários e as gramáticas são bons
lugares para conhecer aspectos da língua,
mas não são os únicos e podem até não ser
os melhores.

Sírio Possenti

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
O MITO DO ERRO DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL.....	08
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
BIBLIOGRAFIA.....	22

INTRODUÇÃO

Este Ensaio Monográfico trata da questão do mito do erro na língua portuguesa falada no Brasil. Os estudiosos da linguagem, ou seja, os lingüistas, nos mostram esse mito de uma outra maneira, de uma outra forma, diferenciando-se dos gramáticos tradicionais os quais que na maioria das vezes discordam destes. E os sociolingüistas vem a contribuir com o pensamento dos lingüistas, desmistificando os mitos da língua falada e escrita.

Motivados pelo pensamento de que a língua é viva e por conseqüência esta em constante transformação pelos seus usuários, fomos levados a procurar uma ciência que estudasse um pouco mais da língua falada, a lingüística.

Através das ciências lingüística e sociolingüística fomos buscar respostas para as inquietações que em nós se abatia sobre o tido como “certo” e o “errado” da língua falada.

Este trabalho teve por finalidade trabalhar a questão do mito do “erro” na língua falada, bem como as verdades absolutas das gramáticas. Tendo em vista, que vários teóricos discutem e reformulam seus pensamentos sobre a língua escrita e a língua falada.

O mito do erro português falado no Brasil.

A língua humana é heterogênea, contrariando muitos estudiosos os quais a considera como homogênea. Seria muito difícil se uma população tão numerosa quanto a do Brasil falasse da mesma forma. Se pensarmos na população do Brasil e em suas regiões, verificaremos que as variedades lingüísticas são amplas, desde as condições sociais, políticas até econômicas.

Em 1.949 surgiu uma ciência que pretendia estudar a língua falada, sendo denominada como sociolingüística. Em 1963 uma associação sociológica a Social Sciences Research Council, inaugurou os estudos sociolingüísticos, tendo como pioneiro H.C. Currecom com o trabalho “ A projection of socio-linguistics: the relationship of speech and Social Status”, *Southen speech journal*, 19.1952. Esta teve suas raízes deixada no espaço através dos estudiosos de lingüística Bloomfield, Hjelmslev, Chomsky, os quais deixaram de lado o aspecto humano e social. Esse espaço deu lugar a ciência Etnolingüística, que faz o estudo entre a língua e a cultura e pela Sociolingüística.

Segundo Allan G. Johnson a sociolingüística é:

...o estudo da Linguagem como um recurso da vida social. Inclui questões sobre como a linguagem é usada para produzir vários resultados na interação social; e o papel que desempenha na aquisição de competência cultural por indivíduos, não se baseia a capacidade de participar eficazmente da vida social. Em sociedades multiculturais, a distribuição desigual de competência na língua dominante reforça frequentemente a desigualdade racial e étnica, ao limitar a capacidade de minorias de ganhar aceitação. (JOHNSON, 1977, 217).

As palavras de Allan G. Johnson, afirma a força da linguagem dominante, sobre os menos favorecidos culturalmente.

A sociolinguística teve seus estudos iniciados, com a coleta de dados através de gravações, do processo da enunciação de vários falantes de maneira espontânea. As várias gravações, feitas eram usadas para comparar as convergências e divergências dos falantes de uma mesma região para se verificar ainda que primariamente, até que ponto a língua falada se diferencia de indivíduo para indivíduo.

No início a sociolinguística era definida “sociologia da linguagem” Meillet usou da expressão, porque a sua Linguística Geral pretendia ter uma visão sociológica da linguagem humana. Até em livros mais modernos ainda encontramos o termo sociologia da linguagem. A sociologia da linguagem tem uma inclinação para estudar a incidência do fator social sobre as línguas.

No Brasil o primeiro congresso Nacional de Sociolinguística e Etnolinguística, foi realizado em João Pessoa na Paraíba em 1.978 na Universidade Federal da Paraíba e com o apoio dos Linguístas do Rio de Janeiro, entre eles o professor Eugênio Coseriu.

Os estudiosos da sociolinguística tem um cuidado para que haja ordem, nos seus estudos e a interação, como afirma Hymes:

A sociolinguística com que aqui nos ocupamos contribui para o estudo geral da comunicação através do estudo da organização dos meios verbais e dos fins a que servem, ao mesmo tempo que deve ter presente no espírito uma integração definitiva desses meios e fins com os meios e fins comunicativos, de maneira geral. (HYMES, 1997, 8)

Os sociolinguístas ao tratarem do estudo de uma língua procuram estudar de maneira bem detalhada, por exemplo se fala da língua portuguesa, para os estudiosos tem que ficar claro do português de qual país, se de Angola, Portugal, Brasil, com esses dados já pré – estabelecidos facilitam, quanto a variedade e a questão social de cada região.

Foi influenciado pelo sociolinguísta norte americano William Labov, sobre o artigo The Logic of Non-standard English (A lógica do inglês não-padrão) , de 1.969 que o linguísta Marcos Bagno escreveu o livro A Língua de Eulália como afirma o próprio autor:

Muitas das idéias apresentadas pela professora Irene neste fazem parte de um ramo da ciência da linguagem chamado Sociolinguística, que estuda as correlações entre fenômeno lingüístico e fato social. Aliás, foi a leitura de um texto do sociolinguísta norte Americano William Labov que me inspirou a escrever este livro. Em seu famoso artigo “The Logic of Non-standard English (A lógica do Inglês não padrão) (BAGNO, 2.001, 209)

Marcos Bagno é doutor em Língua Portuguesa, um grande estudioso brasileiro, tem um cuidado muito especial em desvendar os mitos que causam a língua portuguesa. Em seus trabalhos mostra-se um pesquisador em busca de respostas, para tentar simplificar a compreensão da mesma. Com o grande empenho dos estudiosos de línguas, com certeza num futuro próximo, o que hoje é considerado mito, erro, exagero será explicado pela ciência, haja vista que é perceber no português falado pelos brasileiros.

O português falado no Brasil, ou seja, o “português brasileiro” como é descrito por Bagno, têm uma grande variação em todas as regiões do nosso País. E é aí que alguns estudiosos da língua portuguesa, às vezes, não consideram essas variações e até cometem o equívoco de quererem que a língua falada no Brasil seja homogênea.

Os estudiosos, os filólogos da cidade de Alexandria no Egito por volta do Século III a.C., já se preocupavam com a pureza da língua escrita e criaram as regras gramaticais usadas pelos grandes autores clássicos, e que assim a gramática serviria de modelo para todos que quisessem escrever obras em grego. E essa palavra que amedronta muitos alunos é uma palavra grega que significa a arte de escrever .

A fala jamais poderá ser comparada com a escrita, porque o som ao ser escrito não apresentará a mesma forma. A Gramática Tradicional considera a forma escrita, sendo assim, o estudo do português deixa de fora a língua falada por milhões de brasileiros que fazem o uso dela, e que mesmo não sabendo ler nem escrever conseguem comunicar-se. A língua materna é um direito de todos os seres humanos, não importando cor, credo ou raça.

Esse contato com a língua materna acontece desde a gestação, quando a mãe carinhosamente conversa com seu bebê no ventre. E ao nascer esse contato com a língua se torna algo inevitável para a vida do ser humano, o qual tem a necessidade de comunicar-se, e é através dessa língua materna que o ser começa a falar e a participar do mundo da linguagem falada.

A comunicação entre os seres humanos é um acontecimento que vai além das regras que são impostas pela norma culta/norma padrão. Para os gramáticos, o brasileiro que não se encaixa de acordo com a norma culta do português, não sabe falar português, sendo muitas vezes, é excluído do meio escolar tendo que viver à margem da sociedade por causa desse preconceito lingüístico.

A gramática tradicional, ou seja a arte de escrever bem com 2.300 anos de existência, o fulcral, o ápice para ela é a escrita e não a língua falada por milhões de brasileiros. Os gramáticos chegam a comparar que o nosso português é inferior em relação ao português falado em Portugal. Estudiosos da lingüística têm enfrentado grandes críticas por parte dos gramáticos tradicionais, estes não aceitam a lingüística como uma ciência que tem o interesse em estudar a língua falada com todas as suas variações de região para região.

Essa não aceitação da lingüística como ciência se dá, às, vezes pelo fato de alguns pesquisadores considerarem todas as maneiras de comunicação, desde que haja interação entre locutor e receptor. Os poucos privilegiados da norma culta no Brasil consideram-se a elite pensante e o resto da população não sabem português. Esses elitistas cultos têm como manual a gramática tradicional, portanto, o que não estiver contida nela é considerado como erro, Bagno faz uma relação entre a escrita e a língua:

A língua escrita é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua – afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito lingüístico. (BAGNO, 1998, 9 a 10).

Bagno analisa a gramática tradicional como algo estanque parado no tempo à espera de mudanças, mas para isso precisa de uma nova chuva para que a gramática tradicional possa caminhar como um rio:

Você sabe o que é um igapó? Na Amazônia , igapó é um trecho de mata inundada, uma grande poça de água estagnada às margens de um rio, sobretudo depois da cheia, Parece-me uma boa imagem para a gramática normativa. Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo, que nunca se detém em seu curso, a gramática tradicional é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/ gramática tradicional envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia.(BAGNO, 2002, 10)

O preconceito entre os gramáticos tradicionalistas, com relação a lingüística ,que é uma ciência que estuda as variedades da língua falada, às vezes, é até motivo de deboche por parte dos tradicionalistas. O professor Napoleão Mendes de Almeida foi um preconceituoso contra a ciência lingüística, no seu Dicionário de questões vernáculas, ele não mede as palavras para atingir os estudiosos da lingüística:

Os delinqüentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico “quem faz a língua é o povo” verdadeiro moto para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos defensores do nosso vocabulário.

Napoleão deixa claro o preconceito lingüístico em relação à classe menos favorecida econômica e socialmente, pelo fato dos lingüistas considerarem as diversas variedades. O estudioso de lingüística tem de considerar todas as classes sociais como objeto de estudo, para verificar todas as variações lingüísticas entre todos os falantes de uma língua. Mas, alguns lingüistas incentivam o estudo da gramática nas escolas de uma maneira crítica e não como uma fórmula pronta e acabada. O estudioso deve sim saber as regras de sua língua, e saber usá-las adequadamente de acordo com as suas necessidades, mas quando algo não condiz com a realidade, essa questão tem de ser levada em consideração e avaliada de uma maneira coerente, para que todas as dúvidas que surgiram sejam sanadas.

Bagno diz que:

Em suma, sou a favor do ensino norma-padrão, mas de um ensino crítico da norma-padrão, de um ensino que mostre que essa norma-padrão não tem, lingüisticamente, nada de mais bonito, de mais lógico, de mais coerente que as variedades usadas pelos falantes analfabetos. E, ao mesmo tempo, proponho a valorização dos usos lingüísticos não-padrão, sobretudo porque a língua que uma pessoa fala, a língua que ela aprendeu com sua família e com sua comunidade, a língua que ela usa para falar consigo mesma, para pensar, para expressar seus sentimentos, suas crenças e emoções, faz parte da identidade dessa pessoa, é como se a língua fosse a pessoa mesma... (BAGNO, 2.001, 188)

O mito existente entre o português do Brasil e o português de Portugal, é um assunto polêmico entre os lingüistas e os gramáticos tradicionalista, pois os gramáticos consideram que lá sim se fala o português corretamente, sem levar em conta o número de falantes entre Brasil e Portugal, o Brasil é 92 vezes e meio maior que o país de Portugal a diversidade cultural causada pelas imigrações ocorridas no Brasil faz a língua passar por uma metamorfose inevitável.

Todo país tem suas variações quanto a norma padrão e a norma não padrão, por exemplo, o inglês, entre os falantes de classe mais elevada dos Estados Unidos se difere do inglês falado pelos negros que moram nos guetos o chamado Black English.

Na Inglaterra o poder da rainha é tão explícito cujo nome da língua é descrita assim Queen's English (O inglês da rainha), como acontece em todo o mundo os que têm maior facilidade com o inglês da rainha é a classe elitista, os menos favorecidos socialmente com certeza falam com suas variações lingüísticas, e nem por isso não conseguem se comunicar.

Entre os fatores com importantes para o desequilíbrio entre os falantes cultos e os falantes não cultos, está na má distribuição de renda, pois, uma minoria que é detentora do poder financeiro ou seja são os patrões e a maioria são os operários, com pouco grau de instrução e dificuldades para uma formação profissional almejada por tantos, por não conseguirem concluir seus estudos.

Muitas vezes as classes menos favorecidas, não concluem seus estudos, por serem excluídos da própria escola, pois não falam e não conseguem escrever português da gramática tradicional, que está no livro didático, os profissionais da educação muitas vezes não estão preparados para enfrentarem situações como essas, e acabam "expulsando" do meio escolar esses alunos considerados uns analfabetos pela norma culta. A sociolingüística tem a função de estudar o fenômeno lingüístico e o lado social.

Na escola aprendemos a existência de apenas uma língua no Brasil : o português, mas Bagno faz um estudo diferenciado do que aprendemos na escola:

Primeiro, no Brasil não se fala só uma língua. Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso muitas comunidades imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos etc. (BAGNO, 2.001, 18)

Fica difícil afirmar que no Brasil só se fala uma língua, e mais ainda os gramáticos tradicionais ainda acreditam que se fala uma língua homogênea entre os falantes brasileiros.

Existe também entre alguns estudiosos gramaticais uma preocupação de qual região se fala o melhor português no Brasil, alguns elegeram o Estado do Maranhão onde melhor se fala o português sem nenhuma pesquisa científica. Mas para Bagno não existe onde se fala ou escreve corretamente a língua portuguesa:

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. (...) (BAGNO, 2002, 51)

A gramática tradicional se dedicou com mais ênfase à forma escrita, e a língua falada não teve essa mesma dedicação, com isso os professores desmotivam seus alunos ao produzirem um texto ou redação, o professor não considera a idéia, o sentido do texto/redação produzido, vai logo em busca do erro ortográfico, como se o aluno tivesse cometido um atentado aos princípios gramaticais.

Segundo Bagno:

O peso da tradição gramatical, no entanto, leva muita gente a confundir saber a língua com saber a ortografia oficial da língua. Por isso, antes de sair pintando de vermelho uma redação ou qualquer texto produzido por um aluno, é sempre melhor ler com atenção, procurar captar as intenções do texto, as idéias que quer comunicar, os conhecimentos de mundo que ele pode transmitir, para só depois,

numa segunda etapa as regras da ortografia oficial para adequar o texto a elas. Além disso, procure ver também: o número de acertos é sempre muito maior que o número de “erros”. Coloque esses dois números na balança e pese bem as coisas antes de atribuir uma nota negativa. (BAGNO, 2.001, 31)

É muito difícil para os professores tradicionais por esse conceito em prática e fazê-lo funcionar da maneira como deveria ser, pois a grande maioria estão habituados a seguirem religiosamente o livro didático, não motivam seus alunos com uma aula diferenciada, sem tanta cobrança do português padrão. Mas não pode deixar de explicar que eles precisam estar atentos a forma correta da escrita. Basta o professor usar um método menos tradicional para que os alunos passem a se interessarem mais em escrever em produzir textos e redações.

O professor tem de considerar a língua materna que o aluno tem internalizada, muitos professores se colocam num pedestal, posicionando-se diante de seus alunos como o professor grau dez e o aluno o grau zero. Para Marta Scherre,

Não se conhece ser humano na face da terra que não domine com perfeição um sistema lingüístico materno. Uma gramática normativa pode até refletir a língua de um grupo/ ou parte dela em um determinado momento de sua história. Mas, normalmente, gramáticas normativas são registros de reflexões de estados de línguas da elite, baseados na minoria das vezes em textos escritos por pessoas de prestígio. Trata-se da codificação da linguagem falada ou escrita dos que exercem o poder social, político e econômico. (SCHERRE, 2.002, 11)

Shcherre afirma que mesmo não conhecendo as normas gramaticais, todos os seres humanos têm o seu código lingüístico e conseguem comunicar de uma maneira natural. Apenas uns poucos privilegiados têm esse domínio da língua culta.

Existem considerações quanto a gramática tradicional ensinar a língua materna, pois acreditamos que a língua materna se aprende com a família. Como afirma Marta Scherre,

... O grande conflito que se estabelece na mente das pessoas, dos alunos em especial é que na maioria das vezes, se ensina gramática normativa afirmando que está se ensinando língua materna. Pesquisa lingüística e ensino de gramática normativa devem, portanto caminhar lado a lado para que mudanças de atitude no ensino possam efetivamente ocorrer... Podemos ensinar gramática normativa sem menosprezar a língua, nas suas diversas manifestações dialetais. Nossas mentes e a luta continuada contra o preconceito lingüístico não podem se fossilizar .(SCHERRER, 2002, 11)

A autora afirma o mal entendido quanto ao ensino da gramática e a aprendizagem da língua materna, pois sabemos que todo ser falante tem sua língua materna não importa se o indivíduo aprendeu a falar a norma padrão ou a norma não padrão. O papel da escola é passar para o aluno as normas da gramática, considerando o conhecimento do aluno.

A língua materna se aprende sem cobranças, sem regras, é um acontecimento natural, sem nenhum preconceito quanto à classe social, pois ela é o nosso primeiro contato com a língua, é quase como uma necessidade física. É a nossa vontade de nos expressarmos de uma maneira livre, de poder brincar com a língua sem traumas e sem compromisso algum.

... O domínio da língua materna aqui entendida como primeira língua é natural . Não requer ensino. O domínio de gramática normativa, de segundas línguas, de línguas estrangeiras, de processos de leitura e de processos de escrita, este sim, é adquirido. (...) Para sermos bons redatores ou bons leitores, não precisamos do

conhecimento consciente de toda nomenclatura ou de todas as minúcias da descrição lingüística ou da prescrição normativa, que também no seio das gramáticas normativas e das pesquisas lingüística. (SCHERRER, 2.002, 12)

A autora afirma que a aprendizagem da língua materna não existem regras a serem seguidas, não se trata do aprendizado das normas gramaticais, e sim a maneira natural de se expressar.

A escola é um direito garantido a todos os brasileiros, sem distinção de classe social, cor, credo, mas, na prática isso nem sempre funciona, pois o índice de analfabetismo no Brasil é altíssimo, sendo assim, ainda falta muito para que todos os cidadãos tenham realmente acesso à educação . De um lado fica uma parte da sociedade colocando culpa nos órgãos governamentais por melhores condições para atender a clientela de alunos.

No nosso país, infelizmente, o acesso à escolarização formal acompanha a péssima distribuição da riqueza nacional. Em muitos países, mesmo as pessoas das camadas sociais menos privilegiadas têm acesso a educação formal. (...) No Brasil isso já não acontece. Aqui embora o ensino primário seja obrigatório por lei, quanto mais pobre o cidadão, menor é sua chance de conseguir estudar. E quanto menor o índice de escolaridade, menores as possibilidades de conseguir um emprego bem remunerado. (...) A média de escolaridade do brasileiro é de quatro anos e meio, muito baixa para um país que apresenta um dos mais importantes parques industriais do mundo. (BAGNO, 2001, 102)

Para dar palpites quanto às maneiras de se falar e escrever corretamente a língua portuguesa existem vários profissionais de áreas diferentes “metendo o bedelho”, só porque têm nível superior se acham no direito de darem palpites sobre a língua portuguesa, basta pegar a gramática e sair por aí ensinando macetes de como não errar mais. Não

existem dúvidas que eles estão visando simplesmente o retorno financeiro, pois para a maioria dos brasileiros que dizem não saber falar e escrever corretamente a sua língua..

Segundo Bagno:

Muitos desses paragramáticos de hoje, porém, são jornalistas, advogados, médicos, etc., que resolveram decorar as gramáticas normativas, reduzi-las ao máximo, eliminando toda a complexidade delas, e sair distribuindo pílulas de “português certo” por aí. Infelizmente, o poder simbólico da norma-padrão mais conservadora garante a esse pessoal muito espaço nos meios de comunicação. (...) Afinal eles vão falar o que as pessoas esperam ouvir: que português é muito difícil, que os brasileiros não sabem português (...) que a juventude está arruinando a língua de Camões e Rui Barbosa, que a invasão das palavras inglesas vai fazer desaparecer a língua portuguesa e toda uma série de mitos completamente infundados, mas que já habitam o imaginário das pessoas. (BAGNO, 2.001, 174 a 175).

Como se não bastasse essa questão entre os verdadeiros estudiosos da língua portuguesa, de um lado os gramáticos defendendo as suas normas e os lingüistas buscando a aceitação das variedades lingüísticas existentes na língua falada entre os brasileiros, ainda vêm esses gramatiquinhos dar palpites num assunto que não é de sua área..

Com esse emaranhado de “problemas” existentes no ensino da língua portuguesa, até os profissionais da educação que ficam querendo uma forma pronta e acabada de como achar uma maneira mais fácil de ensinar seus alunos. Segundo Sírio Possenti:

Freqüentemente, pesquisadores são chamados para falar a professores, de ensino na esperança de que aqueles apresentem a estes um programa que funcione. Em certas circunstâncias, espera-

se que tal programa funcione sem qualquer outra mudança na escola e nos professores. (...) Em geral, um pesquisador não fornece tais programas. Nem adianta fazê-lo. É que, para que o ensino mude, não basta remendar alguns aspectos. É necessário uma revolução. No caso específico do ensino de português, nada será resolvido se não mudar a concepção de língua e de ensino de língua na escola (...) . (POSSENTI, 2000, 16)

Não é de se estranhar essa preocupação dos profissionais da educação, mesmo aqueles professores que já não são tão tradicionais enfrentam esse medo de não conseguirem a maneira correta de ensinar seus educandos sem cometer tantos deslizes, como disse Possenti, a maneira de ensinar a língua portuguesa tem de passar por um processo de renovação de um modo geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudiosos das ciências de linguagens, vão de encontro com os “problemas”, existentes tanto na língua falada quanto na língua escrita e procuram de maneira científica levantar estas questões que causam atritos entre as correntes dos estudiosos de língua portuguesa no Brasil.

Porque para os gramáticos tradicionais, a gramática é a solução para todos estes “problemas” existentes na linguagem e na escrita. Os lingüistas e os sociolingüistas não desanimam em seus propósitos de pesquisadores e de mostrar o quanto a língua falada tem suas variações de região para região.. Os sociolingüistas que tem como objetivo estudar a língua e a comunidade. Haja vista, que esses estudiosos tem colaborados de maneira muito proveitosa para quebrarem alguns tabus existentes na língua portuguesa tanto na língua falada quanto na língua escrita.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico o que é, como se faz*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

_____. *A língua de Eulália: novela sociolingüística*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ELIA, Sílvio. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: EDUFF – Editora Universitária, 1987.

JUNGMA, Ruy (trad.). *Dicionário de Sociologia. Guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 6. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

SCHERRE, M. M. P. *Uma reflexão sociolingüística sobre o conceito de erro*. In: BAGNO, Marcos (org) *Lingüística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

